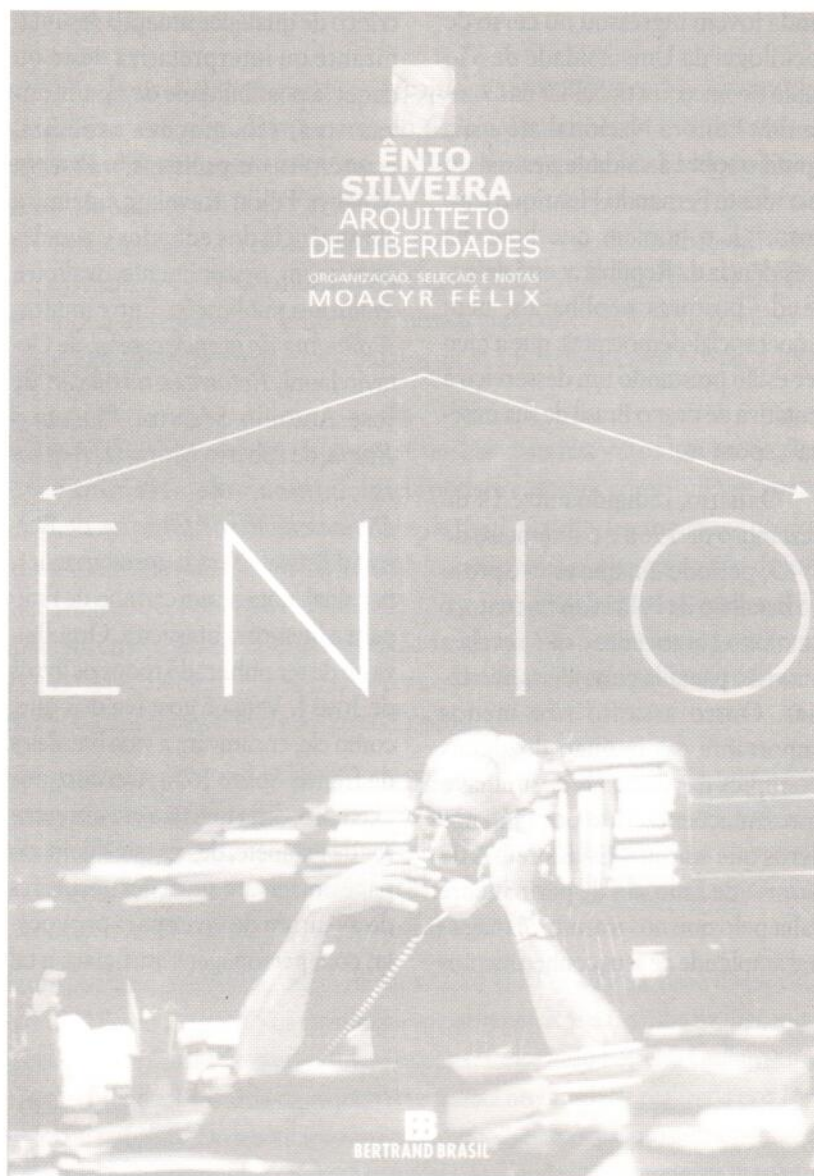


# A memória do grande editor

RONIWALTER JATOBA\*

Só mesmo Moacyr Félix poderia realizar *Ênio Silveira – Arquiteto de Liberdades* (474 páginas), publicado este ano pela Editora Bertrand Brasil. Além de sensível poeta, Moacyr conviveu por mais de quarenta anos com o mais importante editor do país. Ênio Silveira (1925, SP – 1996, RJ), como todos sabem, não era apenas um “fazedor de brochuras”, mas um atuante intelectual que acreditava que livros iam mais à frente do puro entretenimento. A Editora Civilização Brasileira, dirigida por ele, foi fundamental para democratizar a cultura, principalmente na oposição ao período mais tenebroso do regime militar. Por isso, foi perseguido e preso. Segundo Nelson Werneck Sodr e, a “Civilização Brasileira apareceu, naquela fase, como o quartel-general da resistência à ditadura, no meio intelectual, da luta em defesa da cultura e da liberdade. Ênio Silveira destacou-se como figura central, logo popularizada. E isso atraiu contra ele, naturalmente, o furioso ódio dos que se julgavam onipotentes. Foi envolvido, desde então, em mais de dez IPMs e esteve preso numerosas vezes”. Na verdade, seus inimigos também fizeram de tudo para esmagar a editora, o que pouco a pouco conseguiram, mas não abalaram as convic es de um homem que acreditava, até a sua morte, nas concep es de um mundo socialista.

Esse livro, organizado e comentado por Moacyr F elix,   uma espécie de memória do grande editor brasileiro. Reúne parte de suas reflexões



escritas por toda uma vida, desde seu diário de prisão, as “orelhas” e apresenta es de livros até os lúcidos e corajosos artigos para a *Revista Civiliza o Brasileira* e *Encontros com a Civiliza o Brasileira*. “Embora lastime tenha de ser, editorialmente, uma limitada amostragem, textos e documentos estão aptos a fornecerem, no entanto, aos leitores e estudiosos, possibilidades de juízos e reflexões

sobre a autenticidade, a profundidade e a firmeza de valores e dos significados culturais e políticos das atua es de Ênio Silveira como editor, cidadão e intelectual”, apresenta Moacyr F elix.

Dividido em blocos, reproduz textos que permitem o entendimento da sua combatividade, coerência e constante engajamento intelectual e profissional. Um exemplo são as

\* Escritor e jornalista.



“Epístolas ao Marechal Castello Branco”, publicadas na RCB de julho de 1965. Já em recentes entrevistas que saíram na imprensa, ele descortina a sua vida, desde que ainda jovem ingressou no curso de sociologia da Universidade de São Paulo e começou a trabalhar na Companhia Editora Nacional até a sua opinião sobre a vaidade pessoal do presidente Fernando Henrique Cardoso. “É o homem que hoje, na Presidência da República, está defendendo posturas neoliberais, nem sequer social-democratas, que a meu ver estão prestando um desserviço à tentativa de tirar o Brasil de sua miséria”, apontou.

O diário, redigido entre 14 de dezembro de 1968 e 6 de janeiro de 1969, período em que esteve preso no Batalhão da Polícia do Exército, é um texto comovente e que revela a sua visão pautada pelas idéias libertárias. Outro assunto não menos importante é a reunião de alguns exemplos das centenas de orelhas e apresentações escritas por Ênio nos livros que editou. “Estas orelhas de autoria de Ênio são de permanente valia pelo que nos trazem de magistral amplitude de seus conhecimentos

e de sua extraordinariamente sedimentada capacidade de comentar e julgar sempre como socialista e anticonservador, ou seja, sempre sob um pensar jamais neutro e sempre crítico de qualquer situação desumanizante ou interpretativa desta ou daquela possibilidade de significativas transformações sociais, econômicas e políticas”, observa Moacyr Félix. Revelam, assim, a abrangência dos editados e aqueles para quem, pessoalmente, avaliou e avalizou a publicação. Entre muitos, *A ditadura do grande capital*, de Octavio Ianni, *Reforma e revolução*, de José Antonio Segatto, *Viagem a Roma*, de Alberto Moravia, *A quinta coluna*, de Hemingway, *Delineamento de filosofia*, de Bertrand Russel. Nessas apresentações, por sinal, nota-se um carinho de Ênio para a literatura brasileira. Orgulhava-se de ter publicado todos os livros de José J. Veiga e gostava dos que, como ele, encaravam a vida brasileira de frente. Sobre João Antônio, por exemplo, dizia que não era um escritor de gabinete, desses que diante do papel imaginam situações peculiares de aventura de viver para provocá-las com personagens artificiais, a tal

ponto cinzelados que mais parecem estátuas, robôs, símbolos. “Não! Sua obra de ficção está de tal forma inserida na realidade urbana brasileira, em seus contrastes, dramas e tragicomédias, que temperam o dia-a-dia de milhões de pessoas que têm fala, cor e cheiro de povo.” Sobre um jovem autor baiano, Valdomiro Santana, afirma que sua obra traz contos vigorosos, tocantes, patéticos e com raízes na realidade. A obra “constituirá experiência inesquecível e edificante para todos aqueles que não se hajam transformado ainda (nem queiram transformar-se) nos ‘homens ocos’ do célebre poema de T. S. Eliot”.

Complementam a edição inúmeros depoimentos das duas filhas, amigos e editados pela Civilização Brasileira. Todos revelam a importância do editor para a cultura e a vida brasileiras. Nessa fase de política neoliberal, ilustrativo do caráter de Ênio Silveira é o texto do escritor e acadêmico Antônio Houaiss, que por solicitação dele traduziu o clássico *Ulisses* de James Joyce: “Viveu sua vida como um comunista lúcido, consciente e esperançoso até o último momento”.